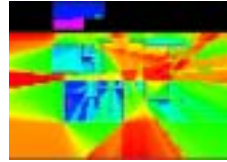


ARQUITETURA &
URBANIDADE





ARQUITETURA & URBANIDADE

Cláudia da Conceição Garcia

Eliel Américo Santana da Silva

Franciney Carreiro de França

Frederico de Holanda

Gabriela de Souza Tenorio

Geraldo Sá Nogueira Batista

Vicente Barcellos

Organizador



pro
editores

São Paulo, 2003

Copyright©2003,

*Cláudia da Conceição Garcia;
Eliel Américo Santana da Silva;
Franciney Carreiro de França
Frederico de Holanda;
Gabriela de Souza Tenorio
Geraldo Sá Nogueira Batista
Vicente Barcellos.*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 9.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem a expressa anuência da editora.

Projeto Gráfico

Cecília Jucá de Hollanda

Designer Assistente

Susan Johnson

Edição de Texto

Ademir Araujo Filho

ProEditores Associados Ltda.

Rua Luminárias, 94
05439-000 São Paulo, SP
www.prolivros.com.br

Impressão e acabamento:

Assabi Gráfica

Ilustração da capa e falsa folha de rosto baseada em saída gráfica do programa *Depthmap Educational, version 2.11r* (London: University College London, 2002).

Ilustração da folha de rosto: aquarela de Eliel Américo Santana da Silva, preparada para o Capítulo 3.

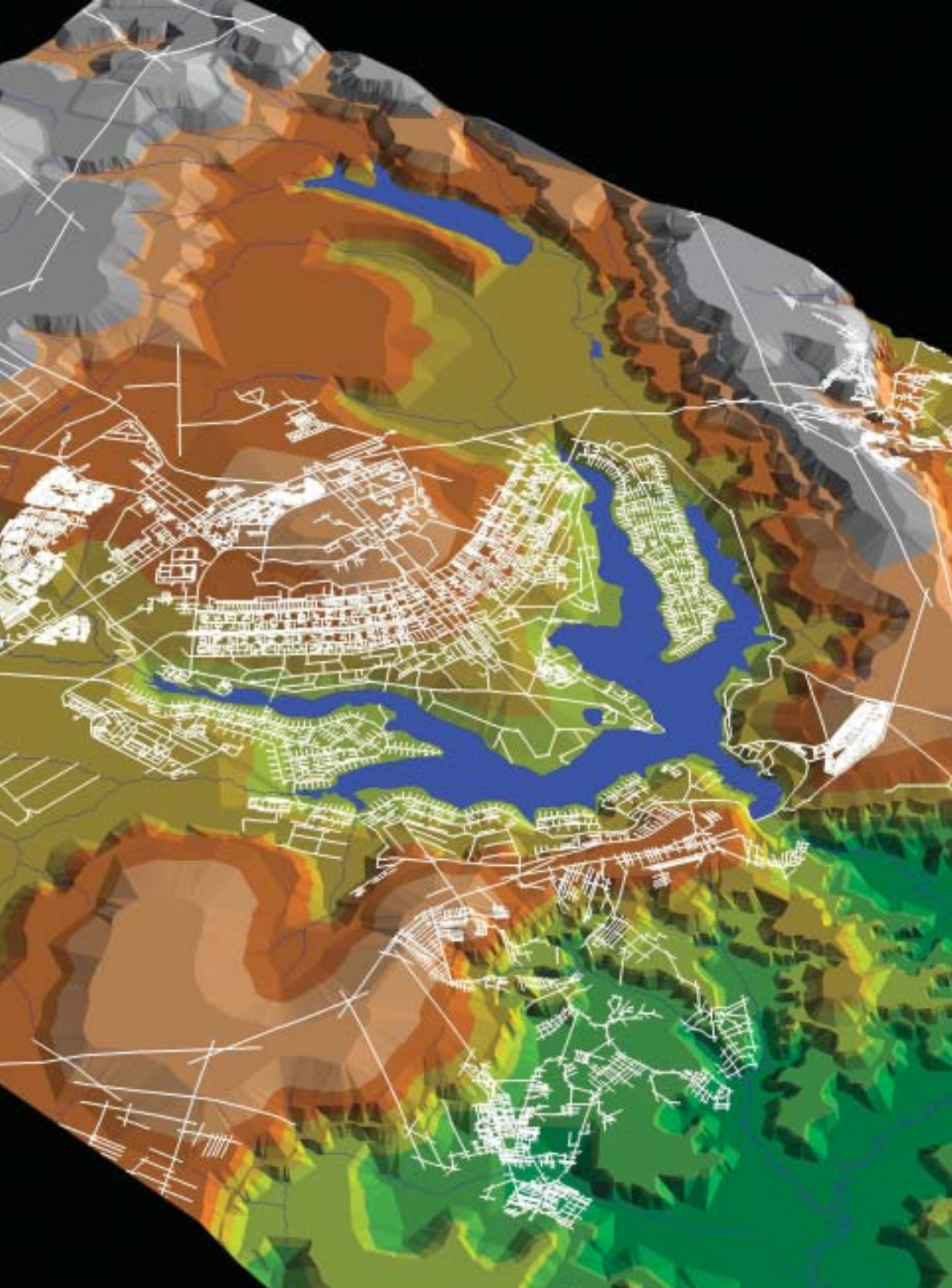
Ilustração da página 6. Localização esquemática dos eixos viários do Plano Piloto e entorno sobre o relevo do sítio. Elaborada por Valério Augusto Soares de Medeiros, livremente baseada em mapa de curvas de nível do Distrito Federal.





Para Rosa





SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO	13
Capítulo 1. A DETERMINAÇÃO NEGATIVA DO MOVIMENTO MODERNO	19
Capítulo 2. UMA PONTE PARA A URBANIDADE	41
Capítulo 3. PASSADO, PRESENE E FUTURO DE UMA AVENIDA MODERNA: W-3, BRASÍLIA	61
Capítulo 4. URBANIDADE, O RESGATE. NOVA IORQUE, MA	101
Capítulo 5. PERMANÊNCIA E INOVAÇÃO: SQN-109, BRASÍLIA	115
Capítulo 6. MEU QUARTO, MEU MUNDO: ESPAÇO DOMÉSTICO NA ALVORADA DO TERCEIRO MILÊNIO	135
Capítulo 7. CASA-ÁTRIO: UM EXERCÍCIO EM AUTO-ANÁLISE	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	181
CRÉDITOS DAS FIGURAS	189



PREFÁCIO

Trabalhando, interminavelmente, em alguns, sempre quase os mesmos textos, além dos que se vão acumulando cada dia, mais e mais... e, pensando e pensando, mais precisamente, neste prefácio, vi uma luz.

Faremos, na medida do possível, uma conversa sobre aspectos do problema Arquitetura, do que-fazer-arquitetônico, como diziam colegas italianos e argentinos, e seu ensino.

Lembrei-me, muito, da voz forte e condutora de Bruno Zevi, encerrando emocionado a reunião da AICA, em Buenos Aires, em 1988: "...la nostra passione e il nostro amore che è la Architettura".

Holanda é aqui o principal e mais presente autor e provocador, provocador. É claro o seu profundo envolvimento em todos os capítulos, inclusive o último, sua obra e sua casa-átrio, que entram corajosamente como uma espécie de prova final das teorias e métodos apresentados.

Há que destacar o impecável rigor com que transcorrem densidade, conceitos, critérios, teorias e taxonomias, que lhes dão vida, no apreciado estilo do autor.

No título deste livro, "*Urbanismo*", a palavra inicialmente usada e que não cabe, é imediatamente trocada por "*Urbanidade*", sem explicações à altura da importância dessa delicada operação, não apenas oportuna, mas, fundamental, neste momento¹.

E, por que menciono o fragmento de Zevi? Pela presença isolada e incontrastável, da palavra Arquitetura. Basta! Quero agir, sem saber bem como, me sinto fraco para ajudar a restabelecer o lugar da Arquitetura como fator seminal – não tenho melhor palavra – da Cidade, diante do espantoso crescimento dos “estudos das questões sociais e das medidas técnicas, administrativas e econômicas constitutivas do ‘Urbanismo’”, necessários, mas que são outra coisa, que invadem Faculdades de Arquitetura, consumindo-lhes os espaços e verbas escassos, expulsando os arquitetos professores, eu não agüentei o espetáculo vivido em minha escola e me aposentei três anos antes da compulsória sem querer, problema longamente discutido e sem nenhuma solução visível. Entendam-me, também, por favor, como um grito pela falta de apoio à pesquisa em arquitetura por parte dos órgãos de fomento, generosos, entretanto, com

¹ Guedes conheceu os capítulos ainda na versão de textos didáticos da série DIMPU – Ensaios de Arquitetura e Urbanismo. Depois do puxão de orelha, a série tem novo nome: DIMPU – Ensaios de Arquitetura. Guedes, obrigado! (Nota do Organizador).

quaisquer propostas tecno-socio-ecol-econ-urbanas, não raro ingênuas, inúteis, ou, simplesmente, "... 90% ... descartáveis", como em título de J.A.GIANOTTI, c.1990.

Bem, e a luz? Pensando e pensando, vi a absoluta importância do fazer. Tanto tempo para ver uma coisa tão simples. O fazer tem um grau de complexidade superior ao pensar. O construir tem, também, um grau de complexidade superior ao planejar, variáveis dependentes, que ele conduz, interessado, impregnado de desejo e sabedoria em relação às necessidades sociais.

Em inesquecível necrológio de Ícaro de Castro Mello, Roberto Cerqueira César o exaltava como grande mestre, cujas obras engrandeciam São Paulo, mudando-lhe a face, em seu tempo. Como tantos arquitetos notáveis, ambos trabalhavam à sombra. Nunca os vira juntos, ou conversando, mas, é certo que eram feitos da mesma ética e da mesma paixão pela Arquitetura serviço social, ensinadas por Rino Levi, depoimento de Roberto. Eram elegantes, discretos, imagem da competência e da eficiência profissionais. Nunca se teriam confundido em bravatas populistas, festivas, declarações oportunistas, ou envolvido em comportamento político menos responsável, que, possivelmente, considerariam perverso. Eu tinha 17 anos, e admirava Ícaro como professor. Os mais discretos possíveis 1,90m de altura e 55cm de ombro, ensinando-nos a medir, rindo, "meu paletó não cabe nesse seu armário", atleta olímpico em Berlim, era gentil, dedicado, simples, atento aos alunos, amigo. Notando minha folha branca, disse: "Guedes, arquiteto não pensa, desenha".

Eu, absorto, devaneava, feliz. Ele percebera e mostrava-me o caminho do arquiteto. Nossas cabeças vagariam, sem descanso, nas nuvens, mas, nosso lugar seria no chão, onde estão as gentes. Fui compreendendo que o desenho não podia ser banalizado, confundido com o risco ou o traço e outras retóricas que fizeram moda. Ele é mais. Uma linha ou linhas, em si, podem não ser nada. Ele é projeto de Arquitetura, a Arte de Construir o ambiente humano. Comanda o planejamento "obligato", como instrumento musical antigo, para atender às necessidades, aspirações e desejos das pessoas, no contexto obrigatório e maravilhoso da vida cotidiana.

Pensar e planejar são práticas sem origem e destino próprios, variáveis dependentes, inerem à natureza humana, como o respirar e o mover-se: conjunto de características indissociáveis e integradas, que nos distinguem de todos os outros seres vivos do cosmos, digamos, as plantas, as pedras, os ventos, as nuvens, os astros, a terra e as águas... Ortega y Gasset, como sabem os mais velhos, é o autor desta extraordinária descoberta: muitos seres vivos são animados por algum nível de raciocínio, porém, o humano é o único ser que planeja. Mas, por que... "muitos seres vivos...?" Depois de Marx, "ser é matéria, matéria é ser e as propriedades fundamentais da matéria são a contradição e o movimento"; de Einstein, " $E=mc^2$ "; de Darwin; de Teilhard de Chardin, "Santa Matéria"; de François Jacob, "A lógica dos viventes", é possível distinguir seres vivos de não vivos?

Mas o homem... planeja e pensa diferente. Pensa mais porque planeja, interativamente, pensaplaneja alto, numa operação ascensional, para fazer o ambiente construído geo-físico-concreto, tempo, espaço, multidimensional e cultural. Humano. Se o fazer dos poetas e dos filósofos é metáfora em que produto e pensamento se

confundem numa mesma natureza, o fazer do arquiteto emerge da matéria que é mágica e cria vida social, matéria dotada de logoi que ensina e dirige o pensamento. Ele está para o pensar como o construir conduz o planejar: impregnado de interesse, desejo e sabedoria em relação às sagradas necessidades das pessoas, define medida e orientação do pensamento e planejamento integrados, atividades permanentes, inescapáveis e contínuas da inteligência humana, “preliminares à erótica da ação”.

Holanda trabalha espaço x sociedade. Somol, em prefácio a *Diagramas* de Eisenmann diz que diagramas são o acontecimento mais importante da arquitetura na segunda metade do século XX. E, não por acaso. Estão aí Alexander e Eisenmann, em guerra desde os anos sessenta. Eu mesmo me dei conta de que passei toda a minha vida desenvolvendo uma teoria sobre diagramas, a partir de Le Bret e Chombard de Lauwe. Talvez menos gráfica geométrica, não apenas distâncias e conceitos graficáveis, fugindo do imediatamente desenhável, “diferindo o conhecimento”, como em Valéry. Menos computador, em busca de tradução visível para os jogos abertos, dimensionais, dos subsistemas de atividades aleatórias e alternativas, livres e imprevisíveis da vida cotidiana e seus correspondentes construtos volumétricos exploratórios, a procura de construções adequadas e rigorosas.

Penso que a conduta em projeto de arquitetura tem que ser seca. É preciso ter cuidado com a retórica, a emoção, decisões particulares e casuísmos, que podem equivocar-se ao justificar e impor formas. Aí, perdemos o controle e a razão intrínseca, o logoi da matéria. Mesmo crendo na importância do cliente como canal privilegiado de comunicação cultural e legítimos desejos. Como entraria um pedido impossível de platô mexicano num quintal de Brasília? Não entra. Não cabe. Teotihuacan, me desculpe Holanda, não existe ali. Mas, seu gesto é belo e não se preocupe. Extasie-se, cada manhã, com todos os lugares amados de seu mundo em seu átrio. Fantasia é um direito. A única que dizem ser perigosa é a de Napoleão.

Com todo o respeito, parece-me difícil ser cliente, arquiteto, autopsicanalista e crítico de si mesmo.

Seus amigos Hillier e Hanson, o que pensam?

Sua radicalidade e coragem me encantam quando você diz: temos que esquecer as explicações e justificativas dos arquitetos e analisar objetivamente o resultado de seu trabalho.

Eu penso que a casa é bela e que seu livro deve ser lido por todos os arquitetos e estudantes ligados em

“...la nostra passione e il nostro amore che è la Architettura”.

Joaquim Guedes
São Paulo, 18 de agosto de 2003.